

Encontro deve discutir política para aprovação de crédito aos países

por Maria Helena Tachinardi
de Washington

A reunião do comitê de desenvolvimento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD), no dia 30 deste mês, em Washington, tratará de dois itens principais: transferência de recursos dos países em desenvolvimento e o impacto das políticas comerciais e agrícolas dos países industrializados sobre o Terceiro Mundo. O comitê, no qual têm assento 22 ministros, representando os 22 grupos de países do BIRD, também discutirá a crise do golfo Pérsico e as respostas do Banco e do Fundo à implementação da estratégia da dívida e seu impacto sobre o desenvolvimento de nações "severamente endividadadas", adequação do capital da International Financing Corporation (IFC), estabelecimento de um programa sobre problemas globais de meio ambiente e a Rodada Uruguai do GATT.

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, estará em Washington para a reunião do grupo dos 24 países em desenvolvimento e do comitê interino do FMI, no dia 30, quando fará um discurso provavelmente acentuando alguns pontos mencionados em Nagoya, na semana passada, no encontro anual do BID. A ministra manifestou a preocupação do governo brasileiro com o perigo de se transformar os organismos financeiros multilaterais em instrumento de políticas unilaterais dos países desenvolvidos, "quer para exercer pressão no âmbito de negociações econômicas, como as da dívida com os bancos comerciais, quer na persecução de objetivos nacionais de política externa", disse ela em Nagoya.

O adiamento da aprovação de um crédito de US\$ 300 milhões para o Brasil devido a manobras de alguns membros do G-7 no BID não causou surpresa aos representantes brasileiros junto ao Banco Mundial, onde alguns países industrializados estão adotando a mesma atitude de forma totalmente transparente, disse a este jornal Eimar Avillez, diretor executivo assistente do grupo de oito nações do qual o Brasil faz parte.

No final do ano passado, lembra Avillez, num evento pouco comum, certos países do G-7 conseguiram extrair do presidente do BIRD, Barber Conable, algumas declarações sobre dois projetos específicos de investimentos (US\$ 300 milhões para o BNDES e US\$ 150 milhões para pesquisa científica e tecnológica), praticamente condicionando a apresentação de projetos futuros a uma avaliação completa do portfólio do Brasil com o Banco. Além disso, membros do G-7 forçaram uma definição por parte da gerência

operacional de investimentos no sentido de se vincular novos projetos a avanços significativos nas negociações com os bancos privados.

No ano passado o Brasil transferiu US\$ 1,2 bilhão ao BIRD e recebeu apenas US\$ 450 milhões em créditos, "o que é ridículo", diz Avillez. Uma avaliação das relações do Brasil com o Banco e a discussão de novos projetos estarão na agenda do diretor altermo do grupo do Brasil, Paulo César Ximenes, em Brasília, na próxima semana.

O papel do investimento estrangeiro direto será um dos principais temas da reunião do comitê de desenvolvimento. No comunicado de imprensa, um instrumento de recomendação de políticas e de linhas de ação, deverá constar um apelo para que os países industrializados adotem políticas fiscais que não sejam restritivas aos investimentos no exterior.

O Brasil participará da reunião dos comitês interino e de desenvolvimento com a vantagem de ter fechado recentemente acordo com os bancos privados sobre o pagamento dos juros atrasados.

Esse fato deverá melhorar o perfil do Brasil no mercado internacional, acreditam fontes brasileiras no BIRD. O problema é que, para atrair novos investimentos, o País necessita melhorar sua rede de infra-estrutura, o que se torna difícil em virtude do ajuste fiscal, observa Avillez.

Por esse motivo, são importantes novos empréstimos do Banco desde que não condicionados aos interesses de seus acionistas, "o que é contra o convênio da instituição. Se esse tipo de manobra perdurar, organismos como o BID e o BIRD perderão a credibilidade", comenta.

Outro item importante da agenda do comitê de desenvolvimento é a questão da redução da pobreza, que, segundo Conable, "é um tema integral para o trabalho do Banco até o fim deste século". O presidente do Banco Mundial reconhece, porém, que, para haver sucesso na redução da pobreza, é necessária a alocação de recursos adicionais e o aumento efetivo de sua utilização.

O comitê de desenvolvimento também enfocará o problema do protecionismo nos países industrializados. Segundo estudos da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a remoção de barreiras comerciais por parte dos países desenvolvidos resultaria em ganhos significativos para os países em desenvolvimento. A preocupação maior é com os subsídios agrícolas fornecidos pela Comunidade Econômica Européia e pelos EUA, que inviabilizam as exportações do Terceiro Mundo.